

Penna, Agulha e Colher

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcáa
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»
Anno IX—Num. 3



Anno II

Florianopolis, 2 de Novembro de 1918

Num. 12

Appello ás nossas leitoras

O programma da secção feminina

Si minhas patricias já pensaram algum dia que não cogito em completar o programma da secção feminina da «E'poca», acrescentando, á *Penna* e á *Colher*, a *Agulha*, hão de hoje pensar de outra maneira, assim é de esperar, porque não posso crer que não acreditem na sinceridade de minhas palavras.

Si estivessemos ainda no tempo das fadas bemfazejas, ah! quanta cousa boa, não teria já publicado a *Agulha*!

Esses bons tempos já se foram, porém! E hoje—pobres de nós!—nada se obtem sem o dinheiro, *varinha magica* dos tempos actuaes!

Sem o dinheiro, disse, mas a *alma do dinheiro* é a caridade e, sem ella, o dinheiro nenhuma utilidade tem.

Sinão, escutai: de que serve o dinheiro na mão do avarento, ou mesmo daquelle que só o aproveita para gosar, esquecendo completamente os seus semelhantes?!

Na mão do caridoso, porém, e na do homem que não vive só para si, quantos milagres não faz o dinheiro?!...

Foi com estes pensamentos, amaveis patricias minhas, que resolvi fazer um appello á vossa generosidade.

Disse-me um dia o dedicado director da «E'poca», revmo. padre Fontes, que seria possível montar um pequeno gabinete de «clichés», apto a tornar a «P., A. e C.» illustrada (podendo-se então publicar retratos, photographias de collegios, etc., musicas, enigmas pittorescos, gravuras explicativas de trabalhos de agulha, etc.) com a quantia de—1:000\$000, mais ou menos. Eu, surprehendida e impressionada com essa affirmacão, entrei a imaginar si não seria possível obter tão avultada quantia.

Hoje, enchendo-me de coragem, resolvi abrir uma subscrição para tal fim, assim pensando cá com os meus botões: é preciso agir, porque o dinheiro não cae do céu;

comecemos, pois. E' muito provavel que a subscrição estacione ou cresça muito vagarosamente, por causa da difficil época que atravessamos; não faz mal; ainda que estacione, esse dinheiro servirá de muito algum dia, pois que será reservado exclusivamente para *completar o programma da «P., A. e C.»*

Não me chameis de imprudente, que, si a tanto me atrevo, é porque não temo o que dirão de mim—desde que seja o amor á causa de Deus que me leve a dar um passo que pareça temerario!

A boa imprensa precisa ser diffundida, augmentada, apoiada por quantos ainda amam a Deus e a Patria!

Auxiliemol-a, pois, para que possa florescer, e, assim, diffundir-se tanto quanto merece ser diffundida!

Falo agora da boa imprensa em geral. Por que é que tantos jornaes catholicos lutam com difficuldades sem numero para poder manter-se?...

E' que os catholicos não os auxiliam, como deviam fazel-o!...

A nossa «P., A. e C.» é ainda uma gotta d'agua no meio do oceano jornalístico; mas não poderá ser um dia *alguma cousa*?

Poderá, sim: basta que a auxiliem as almas de boa vontade!

E que gloria para nós, catharinenses, termos um jornalzinho que percorra, lido com prazer, todos os Estados do Brasil, e, de mais a mais, *catholico*, isto é, de uma leitura que possa ser vista por todos, sem prejudicar a ninguem, mas, pelo contrario, animando, divertindo ou consolando?...

Eia, pois, amaveis patricias! Aberta está a subscrição, sendo aceita, com prazer toda quantia, mesmo as mais insignificantes.

Contiando em vossa boa vontade, espera que não a deixem só a vossa amiga

Zenir Alcáa.

Para fazer da «Penna, Agulha e Colher» um jornal illustrado

(Relação de donativos)

Zenir Alcáa

20\$000

A' CRUZ

O' Cruz piedosa!—Symbolo bemdito das magoas todas, symbolo que adoro, tu, que nas campas te ergues dos que choro, e a cuja sombra tímida medito,

Deixa ao meu coração saudoso e afflicto, pelas lembranças ternas que deploro, verter o pranto com que a dôr minôro d'esta saudade vinda do Infinito !

Recebe, nos teus braços estendidos, onde os orvalhos lá do Céu descidos vêm pousar ao cahir da noite calma,

Recebe, nessas horas carinhosas, as doloridas lagrimas saudosas, que cahem do seio triste da minh'alma !

Delminda Silveira

Um quarto mal a sombrado

COMEDIA EM 1 ACTO

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS:

Maria Ziegler, professora; Gabriela Siegler, tambem professora; Anna Capistrani; Magdalena Bel Esprit, escriptora; Joanna Macedo, dona da hospedaria; Wally, creadinha.

SCENA IX

MARIA—Não, senhora; ouvi falarem, e os gitos já falaram algum dia ?!

MAGDALENA—Pois então vá pedir á madama que ella venha com a creada ver o que ha.

MARIA—Sim, mas a Sra. vae commigo, não é ?

MAGDALENA—Não, eu vou para o meu quarto.

MARIA—Oh! por favor, vamos juntas: a duis oia dará mais credito.

MAGDALENA—A Sra. tem razão: «al-lons, al-lons au petit bonheur!»

MARIA—Misericordia! que vejo!

MAGDALENA—Que é ?

MARIA—Uma cadeira virada!... Que significa isto ?

MAGDALENA—(assustada) Que signifi-
c ist. ?

MARIA—Vamos á hospedeira e conte-mos-lhe tudo minuciosamente.

Este quarto! Este quarto!...

(Saem; Mgda. deixa o castiçal em cima da mesa.)

PENNA, AGULHA E COLHER

—Publicação semanal—

Assignaturas

Anno 2\$000

Mez \$200

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «É'poca» custa 1\$000.

SCENA X

Anna Capistrani só

ANNA—(zangada) Não supporto mais este barulho!... Parece que, si todas as bruxas aqui se reunissem para um *rendez-vous*, não atordoariam tanto os ouvidos!

Arre! que não posso mais viajar, pois tudo contra mim então se revolta! Em Minas houve um incendio no hotel em que eu estava; em S. Paulo roubaram-me o dinheiro; no Rio de Janeiro fiquei doente, e aqui, onde esp'rava encontrar socego, dançam, assobiam, fazem um barulho insupportável! (Vae á porta e grita) Madama! ó madama!... Ah! ahí vem ella, e vem com outra pessoa!... Espera, mulherzinha! Tu hoje has de ficar sabendo que Anna Capistrani não tem papas na lingua!

SCENA XI

Anna, Gabriela e Joanna (com um castiçal)

JOANNA—(entraudo) Não lhe disse eu que a longa viagem lhe fez perder a memoria?! Allí está o castiçal com a vela accesa!

GABRIELA—Estou fóra de mim! Nunca me aconteceu semelhante cousa!

JOANNA—(zangada) A mim tambem não! Mas espero que ainda hoje acabará com a brincadeira, pois, si quer representar uma comedia á minha custa, saiba que não está procedendo bem! Eu sou uma mulher boa, mas quando o sangue me sobe á cabeça, triste de quem for a minha victima!

ANNA—(quasi interrompendo) E tambem eu espero, madama, que fique tudo em silencio, d'ora em diante! Hospedei-me aqu para dormir socegada, e não para me incomodar com esta agazarra!

JOANNA—Socegue, minha senhora! (Faz-lhe um signal dando a entender que Gabriela é a culpada.) (Dirigindo-se a Gabriela) Agora vou preparar-lhe a ceia; mas deixe-me em paz, e não interrompa mais o somno de suas vizinhas! (Sae, levando o castiçal.)

O MINISTRO DO SENHOR

Ao Revmo. Fr. Evaristo, offerecido pelas
Filhas de Maria de Florianopolis

«*Ide e ensinai*». Qual doce melodia,
Do mestre a meiga voz
Se fez ouvir um dia.

Vae então do Evangelho o pregoeiro
O mundo percorrendo todo inteiro.
Incomparavel sorte:
Vem, pelo Sacerdote,
A nós chegar o reino do Senhor!

O prodigio de amor opera Christo:
«*Em memoria de mim*
—*Diz*—fazei tudo isto.»

E á voz do Sacerdote o Omnipotente
Faz-se nascer de novo, obediente.
Oh! graça incomparavel!
Poder inegualavel!

Foi dado a vós, ministro do Senhor!

E que grandeza esse poder encerra!
Elle dá força, esclarece;

Elle é o sal da terra,
Elle é do mundo a luz, e illuminar
Deve o caminho certo
Que o céo encontra aberto,
Esse caminho de verdade e vida.

Labios do sacerdote, que nos dais
O pão da sã doutrina
E as almas illustrais!

Labios que absolvem peccador contrito
E trazem paz ao coração afflicto!
Labios fervorosos,
Santos, mui poderosos,
A cuja ordem a nos se abaixa o
Altissimo!

Essas mãos benfazejas, consagradas,
Alegra-me oscular.

O' mãos que eu vejo alçadas
Para os mortaes assim abençoar.
O' mãos que eu sempre assisto
Tocar o proprio Christo

E potentes remir a humanidade!

Mas... sem o grande, nobre coração,
Das poderosas mãos
O que seria então?

E dos ferventes labios?... Admiravel:
Seu coração bondoso, affavel,
De amor todo abrasado,
Ver Deus glorificado

Só quer, só pensa em nos livrar do mal.

Por isto agora uma homenagem rendo
Ao coração do Padre,
Que eu amo e amar pretendo
Sempre, pois nelle ao divino amor

Resplende um raio. E o divo Redemptor
Um dia disse assim:

«*Quem vos ouve, ouve a mim;*
Quem vos despreza, a mim é que des-
[preza]!»

Acceita, ó Pai, zeloso Director,
Este preito, a homenagem deste dia,
Quaes symbolos do amor e gratidão
Das tuas leaes Filhas de Maria!

26 de Outubro de 1918

Fabiola

Diario da Filha de Maria

Para caminhar através da estrada da vida, tão cheia de espinhos e desenganos, com os pés a sangrar, o coração alanceado e a alma serena e iminutavelmente fixada no dever, custoso, mas real—é preciso ter fé.

S. de F.

Receitas

Bolo Maroca

Bate-se bem uma chicara de manteiga com 3 chcaras de assucar, e depois misturam-se 5 ovos (sendo as claras bem batidas, á parte) 1 chicara de leite e 5 chcaras de farinha de trigo. Bate-se bem e vae ao torno.

Broinhas de côco

1 kilo de araruta, meio kilo de assucar, 1 côco ralado, 1 ovo e 125 grammas de manteiga.

Amassa-se tudo junto e depois fazem-se as broinhas.

Forno bem quente.
(Dá cem broinhas).

Dominios da Esphinge

QUINTO TORNEIO CHARADISTICO
(Outubro, Novembro e Dezembro)

15) APHERESADA

2—Com este instrumento matei um animal—1.

I. A.

16—17. APLOCOPADAS

5—Nesta ilha vi uma truceia —3

4—Esta menina deu-me uma flor—2

I. A.

18—20) NOVISSIMAS

Naquelle epocha possuia muitos bens
o rei dos Ostrogodos—2, 2

Alzira

—
Meu unico parente compoz estes versos—
1,2

Da multidão, sobre este rio, ouve-se o
escarneo—1,2

Heloisa

—
21—22) AUGMENTATIVAS

A ave comeu desta farinha—2
Este animal só vive em Portugal—2

Alzira

—
23—24) SYNCOPADAS

4—Oh! minha flor! quanto te aprecio!
—3

3—Que extravagancia tens na cabeça—2
Heloisa

—
13) ANCILLA DOMINI

O resgate de um pae

JORNAL DE CECILIA

Propoz o sacerdote contar immediatamente á familia do medico a illiação da criança, a fim de evitar futuras complicações, mas a doente se oppoz com energia, dizendo que o ligava pelo sigillo sacramental até á época por ella determinada.

Seus motivos eram os seguintes. De familia muito nobre da Polonia, tinha-se casado com um plebeu. Essa união irritou sobremaneira os parentes de tua avó, que votaram ao cunhado um odio de morte. Perseguiam-n'ó, maltratavam-n'ó de modo tal, que o rapaz, que, além do mais, era de politica adversa á dos cunhados, viu-se forçado a se expatriar com a esposa. Chegando ao Brasil, procurou o estrangeiro, que era engenheiro de merecimento, trabalho em construcção de estrada de ferro. Arrebatou-o a vraz epidemia de tebre amarella, grande inimiga dos habitantes de além-mar.

Morreu em Campinas poucos mezes depois de chegado ao nosso paiz, deixando a jovem esposa em adiantado estado de gravidez—só, desprotegida—desconhecida na capital da Paulicéa. A misera viuva comprehendia que pouco lhe restava tambem de vida: minava-a a traiçoeira tuberculose. Com a lembrança do máu tratamento que os seus deram ao marido escolhido de seu coração, a jovem e inexperiente viuva preferiu dever a educação da criança que devia nascer á caridade de extranhos. Sabia ella que os parentes haviam de receber mal o filho do inimigo a quem tanto perseguiram.

Tua avó conhecia de vista, por a encontrar cedinho á missa, a mulher do dr. Rocha; sympathizou-se pela senhora, colheu com cautela algumas informações e resolveu expor a criança, logo que nascesse, á porta dos Rochas. Fez questão que fosse ignorada a origem da recém-nascida para que a não procurassem mandar aos tios da Polonia, tanta certeza tinha a mãe de que a menina não seria feliz em companhia dos parentes mais chegados.

Deixou todas essas explicações recommendadas ao confessor, a quem entregou tambem a certidão de seu casamento e titulos ao portador no valor de vinte contos de réis, que com os juros accumulados até a maioridade da pequena deviam constituir o seu dote. O padre, a quem tua avó materna confiou todos esses pormenores, escreveu-os numa lauda de papel, juntou os documentos á explicação, lacrou tudo e sobrescriptou: «Para ser entregue ao Dr. Rocha, morador em rua tal, numero tal, no anno de 18...»

Depois guardou o volume em uma gaveta da estante de livros. Aqui estão os papeis todos, disse meu pae, mostrando-me um maço de documentos amarellados.—Esse padre morreu de uma syncope cardiaca que o surpreendeu em oração. Pelo irmão viuvo, em cuja casa residia, foi encontrado uma manha, morto, de joelhos, com o rosario na mão e a cabeça cahida sobre a mesa junto á qual se ajoelhava sempre.

Nenhuma recommendação pôde portanto fazer, pois que sua morte veio inteiramente inesperada. O irmão, que tinha um unico filho seminarista, resolveu desde logo conservar a estante com os livros do tio para o sobrinho, quando se ordenasse; deixou pois esse movel tal qual estava, sem mesmo o abrir.

A morte do confessor de minha sogra deuse uns dois annos antes de meu casamento, tua mãe devia contar dezete annos, e esses papeis só deveriam ser entregues, segundo a recommendação da fallecida, quando a filha completasse 21 annos ou quando se casasse antes desse prazo. Só depois de cinco annos da morte do tio foi que o jovem padre, revistando os papeis e livros do parente, la encontrou esse volume lacrado.

Procurou immediatamente o Dr. Rocha na residencia indicada no envolvero.

Já o meu velho amigo era morto, e eu, viuvo desde mezes, havia-me mudado para o Rio.

IV

O padre levou tempo para descobrir meu endereço, que meus parentes de S. Paulo ignoravam.